



Observatório da banca angolana: análise da performance dos bancos (privados e públicos) e o processo de consolidação da diversificação da economia (2020 a 2023)

Paulo Vica

Paulo.vica23@hotmail.com

Sem vinculação institucional

ORCID: 0009-0005-6497-2305

Resumo

O OBSERVATÓRIO analisou a performance dos bancos no processo de diversificação e sustentabilidade do crescimento económico de Angola nos últimos quatro anos. Para o efeito, utilizaram-se algumas métricas [Índice de Concentração (IC) e Vantagem Competitiva Relevada (VCR)] que analisam o desempenho das actividades em economias abertas. Os resultados apontam que, apesar da percepção de que o sector bancário angolano é altamente lucrativo (**BFA e BAI**), a contribuição dos serviços de intermediação financeira e de seguros para a economia tem sido negativa, com uma taxa média de crescimento de -10,36% entre 2020 e 2022. Isso sugere que, embora os bancos estejam lucrando, eles não estão gerando um impacto positivo proporcional na economia real, especialmente em termos de criação de emprego. Ademais, o actual padrão de concessão de crédito favorece actividades que geram pouco valor agregado na economia local e reforçam a dependência de importações, o que pode estar contribuindo para a destruição de empregos no país e aumentando a vulnerabilidade económica. Por outro lado, os dados indicam que, embora bancos como o **BIC, BAI e Atlântico Millennium** dominem o mercado em termos de concessão de crédito, o **BPC e o Banco de Investimento Rural (BIR)** se apresentam como os mais competitivos quando submetidos à análise da Vantagem Competitiva Revelada (VCR) no crédito concedido a particulares. Além disso, o **Banco Comércio do Huambo (BCH)** e o **BDA** mostraram-se como os mais autónomos financeiramente, com índices superiores a 50%, o que indica uma gestão eficiente sem a necessidade de recorrer a capitais de terceiros. Esses resultados não apenas destacam os bancos que lideram em termos de volume de crédito mas também revelam que instituições estão mais bem posicionadas para enfrentar desafios económicos futuros. A intervenção da banca angolana, portanto, mostra-se vital para o desenvolvimento económico do país, especialmente considerando os bancos que têm demonstrado uma performance robusta em termos de concessão de crédito e gestão financeira.

1. Introdução

Caracterização O processo de consolidação da política económica angolana, no quesito da diversificação e asseguramento de um crescimento económico sustentável no longo prazo, põem à prova os mais profundos limites de resiliência e de sapiência sobre as leis da teoria económica, das quais dois cenários possíveis se apontam: (1) ou saímos de vez desta <<ilusão de crescimento conduzido pelas exportações do petróleo>> e caminhamos para um crescimento equilibrado e sustentável (ciclo virtuoso), condizente com o desenvolvimento económico ou então (2) continuaremos neste ciclo vicioso, adiando cada vez mais os milhares de sonhos. Creio que o primeiro cenário seja o mais sensato, a julgar pelos interesses de todos os envolvidos. Porém, é preciso reduzir urgentemente a dependência excessiva dos recursos naturais na economia.

De acordo com Vica e Silva (2024), nos últimos vinte dois anos, o grau de concentração do sector petrolífero na economia angolana foi de 0,9 (ICP)², o que revela extrema dependência deste sector na dinâmica económica do país (submetido à publicação). O sector petrolífero tem sido objecto de vários estudos [Cordeu e Neary (1982); Sachs e Warner (1995); Mehlum *et al.* (2006); Rabah *et al.* (2012); Mulwa e Mariara, (2016)], que indicam a vulnerabilidade de uma economia que tenta sobreviver apenas das exportações deste recurso. Vica (2024a e 2024b), ao identificar os determinantes das exportações angolanas, conclui que os sectores que determinam as exportações são simultaneamente os mesmos que determinam o crescimento da economia angolana, preço do petróleo bruto, taxa de câmbio, juros, investimento estrangeiro directo e crescimento das importações externas (submetido à publicação). E, portanto, a economia se revela bastante vulnerável, na medida em que a política económica interna não tem qualquer controlo sobre tais variáveis. Contudo, o governo tem gizado um conjunto de programas económicos (políticas) que visam atenuar o impacto conjuntural e estrutural.

A diversificação económica se apresenta como a melhor alternativa, para que a volatilidade gerada por estes determinantes se atenuar e permita que o país emergja na superfície do crescimento económico com equilíbrio e sustentabilidade, obtendo distribuição de riqueza no longo prazo. Todavia, este processo é complexo e lento, podendo mesmo apresentar resultados opostos, caso o país se perpetue na paixão do crescimento liderado pelos recursos naturais [características dos países subdesenvolvidos].

Segundo Furtado (2002), dificilmente países pobres serão “bem-sucedidos” caso a sua política industrial esteja direccionada simplesmente na exportação de bens primários. Estudos mais recentes [Summers (2003); Hausmann (2006); Hausmann e Hidalgo (2009); Caldarelli *et al.* (2012); Hidalgo *et al.* (2017)] evidenciam que quanto mais os governos direccionarem a sua política industrial para sectores que empregam menos recursos naturais mais rapidamente a economia cresce. Ou seja, identificaram uma relação positiva entre os sectores de maior complexidade tecnológica e o PIB *per capita*. Alguns países compreenderam que a solução dos seus problemas, económicos e sociais estava, essencialmente, atrelada a uma mudança da estrutura produtiva da economia. Redesenham as suas prioridades, investiram massivamente no capital humano, o que permitiu dinamizar o sector industrial, mormente a transformadora. Estes países [Japão, China, Coreia do Sul, Taiwan, Malásia, Singapura, Tailândia...], iniciaram a sua jornada de inversão, caminho oposto de muitas economias pobres, na década de cinquenta a setenta e mais tarde nos finais da década de noventa. A partir dos estudos empíricos, Hausmann e Hidalgo (2009) demonstram que países que investem mais em sectores de alta complexidade tecnológica não só crescem mais como também apresentam maior resiliência económica. Contrastando com economias concentradas em recursos naturais que na maioria das vezes são menos reativas a tríplice da política económica. A vasta literatura económica [clássica (1776), marxista (1867), keynesiana (1936), neoclássica (1950) e pós-keynesiana (1971)] reconhece a poupança como uma variável impulsionadora da actividade económica, atribuindo assim o papel importante do circuito financeiro na economia real. No entanto, é crucial que as instituições financeiras estejam alinhadas com a administração económica do governo para que seja possível a execução dos planos micro e macro da dinâmica económica.

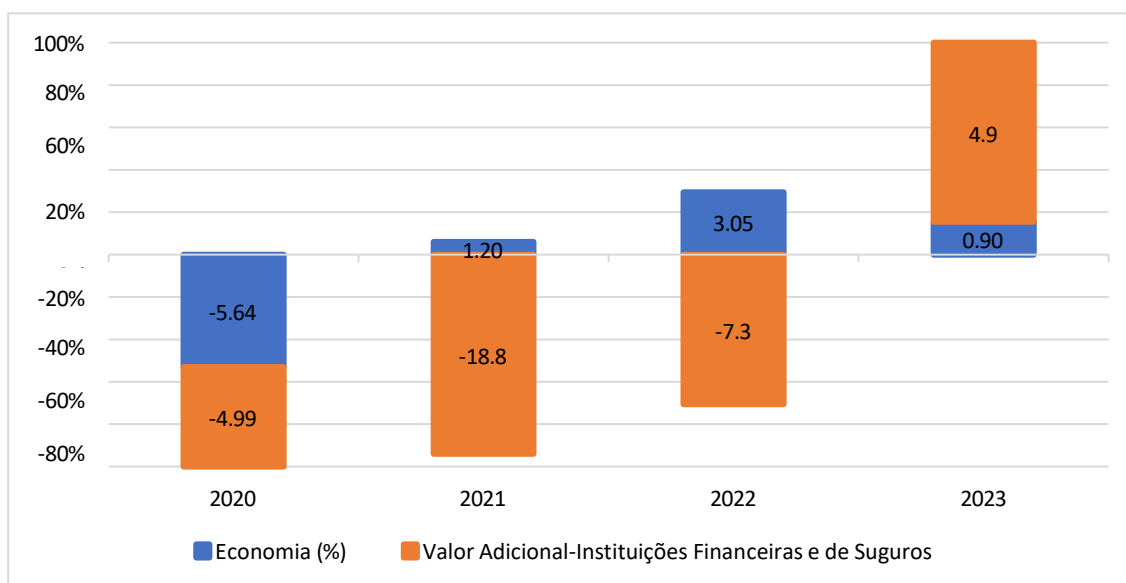
De acordo com a LRGIF n.º 14/21 de 19 de Maio, processada pelo BNA (2021), consideram-se Instituições Financeiras Bancárias “Empresas, cuja actividade principal consiste em receber do público depósitos ou outros fundos reembolsáveis, a fim de os aplicar por conta própria, mediante a concessão de crédito”.

Até 2017 operavam em Angola, sensivelmente, vinte e seis instituições bancárias.

Actualmente este número se aproxima a um recuo de 8%.³

Entre 2020 e 2022, os dados do INE apontavam que os Serviços de Intermediação Financeira e de Seguros agregaram menos valor à economia, com uma taxa média de crescimento de -10,36% (BNA, 2023).

Gráfico 1 — Evolução da Economia Real e do Valor Acrescentado Gerado pelo Serviço de Intermediação Financeira e de Seguros (%)



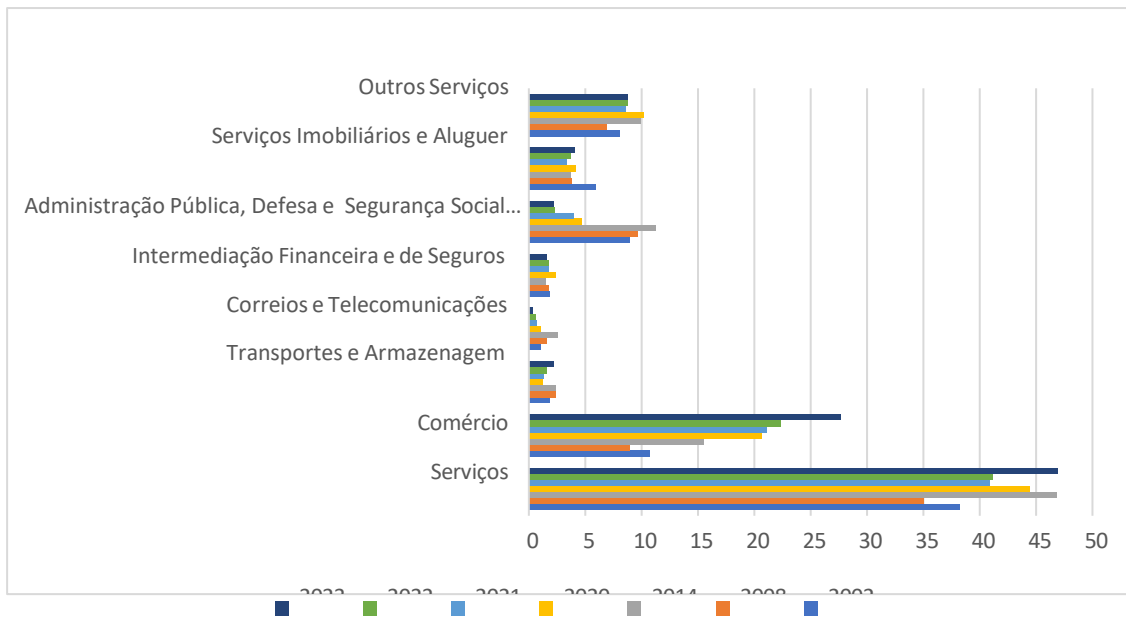
Fonte: Elaboração própria. Dados do INE, extraídos do *site* do BNA (2023).

O gráfico 1 indica uma pioria do serviço de intermediação financeira e de seguros em - 23,79 pontos percentuais entre o ano de 2020 a 2021, essencialmente na criação de valor novo para economia angolana. Entretanto, neste mesmo intervalo de tempo, a economia doméstica registou uma evolução positiva de 1,20%. Esta situação pode ter correlação (positiva) com o tipo de crédito mais ofertado pelos bancos, que repousa sem sombras de dúvidas no sector de serviços.

Uma concessão relativamente maior de créditos ao sector de serviços, em detrimento do industrial, pode comprometer toda uma política económica, gizada pelo governo, no tocante a diversificação e sustentabilidade do crescimento económico. Lamfalussy (1963) identificou que o lento crescimento da economia do Reino Unido estava associado ao fraco investimento das indústrias transformadoras. No mesmo intento, Kaldor (1966) evidenciou que o crescimento lento da economia está positivamente correlacionado com a lenta expansão industrial. No entanto, esta abordagem é baseada no papel determinante das indústrias, transformadoras sobre a economia. Esta caracterização sectorial é sustentada pela alta produtividade na medida em que se expande a produção. Porquanto países com maiores produtividades, advindas do sector industrial, tendem a exportar cada vez mais produtos manufacturados promovendo um círculo virtuoso na economia. Logo, a prossecução dos PDI das instituições financeiras bancárias, não devem de maneira alguma inviabilizar, ou se sobreporem, à materialização dos PDN. Todavia, devem se aferir, de forma conjunta, os principais pontos de estrangulamentos que limitam a concepção de créditos a este sector (indústria transformadora).

Num período de vinte anos (2002 a 2022), a intermediação financeira, propriamente dita, a banca angolana, contribui para o PIB em média cerca de 2% (gráfico 2). Este valor não está muito aquém da realidade da África Subariana (2 a 3%), porém diferente das economias avançadas [EUA (7 a 8%), Europeia (3 a 5%)].

Gráfico 2 — Evolução da Participação (%) das actividades do Sector de Serviço



Fonte: Elaboração própria. Dados do INE, extraídos do *site* do BNA (2023).

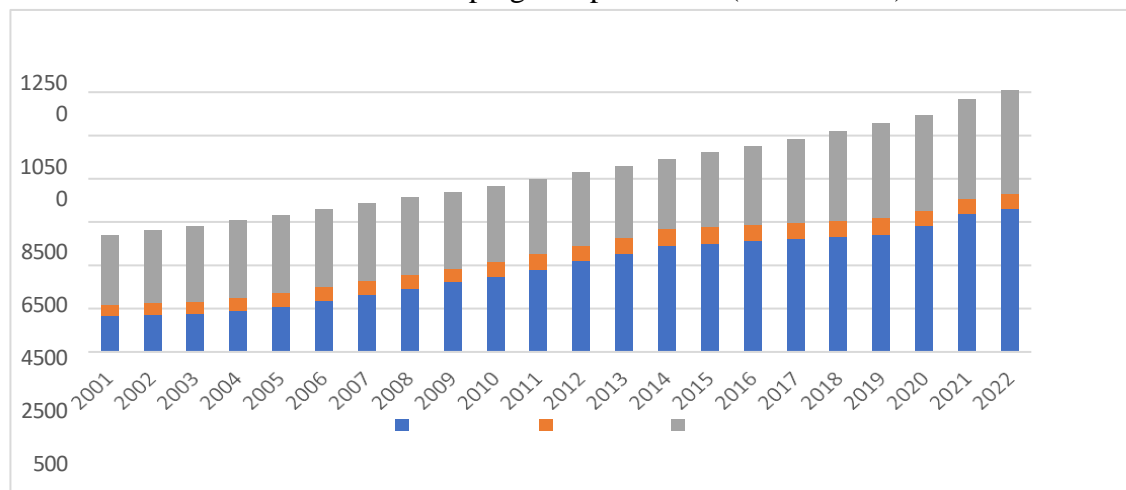
Nota: Os dados do ano de 2022 a fonte apresenta como sendo preliminares (até ao momento actual).

E, no âmbito da formulação de políticas macroeconómicas para o fomento do emprego no mercado de trabalho, é comum observar teorias que discutem a problemática do crescimento e desenvolvimento económico [clássico-marxista e neo-keynesiana], realçarem que o número de empregos está condicionado ao capital, assumindo este como a variável de ajuste. Contudo, algumas teorias evocam um *trade off* sobre determinadas condições, concernente à distribuição dos lucros e salários na economia. Ou seja, uma maior participação dos lucros implica uma redução da participação dos salários (maior empregabilidade). Porém, condiciona o crescimento da economia pelo lado da demanda, já que os trabalhadores se assumem como os principais consumidores. Neste quesito, estas teorias na década de setenta incorporaram a produtividade, resgatada das discussões dos seus proeminentes autores, como mecanismos de ajuste do conflito distributivo (salários *versus* lucros).

OIT (2023) indica que as economias pobres oferecem mais empregos em sector de baixa produtividade (agricultura), o que limita a sua capacidade de crescimento económico e consequentemente menos criação de postos de trabalho (círculo vicioso).

Esta é uma das realidades da economia angolana [Vica (2024)]⁴: cerca de sete milhões de indivíduos estão empregados no sector agrícola, enquanto cinco milhões estão empregados no sector de serviços. A indústria concentra pouco menos de 8% da força de trabalho (gráfico 3).

Gráfico 3 – Número de Pessoas Empregadas por Sector (em milhares)



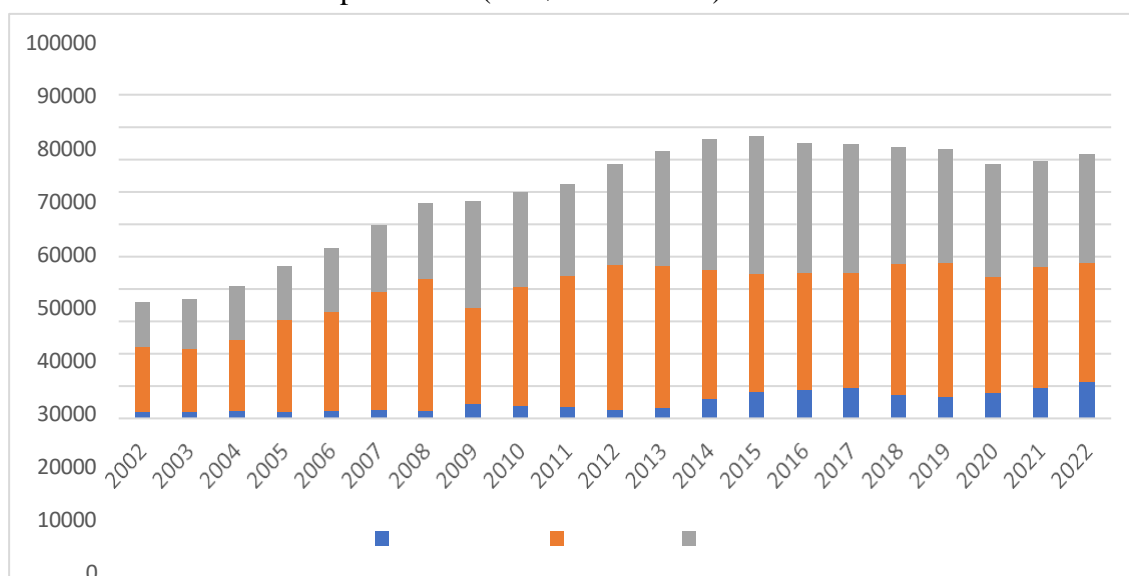
Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos da base da OIT (2023).

A partir do gráfico sobre empregabilidade na economia angolana, é possível observar que o sector bancário não faz parte do sector que mais concede emprego na economia angolana, contudo, mais adiante analisaremos o peso da sua participação.

A partir do gráfico sobre empregabilidade na economia angolana, é possível observar que mais concede emprego na economia angolana, contudo, mais adiante analisaremos o peso da sua participação.

Quando analisada a produtividade $[P(l) = \frac{y}{L}]$, observa-se que o sector industrial é o mais produtivo, isso por via do sector extractivo - petrolífero.

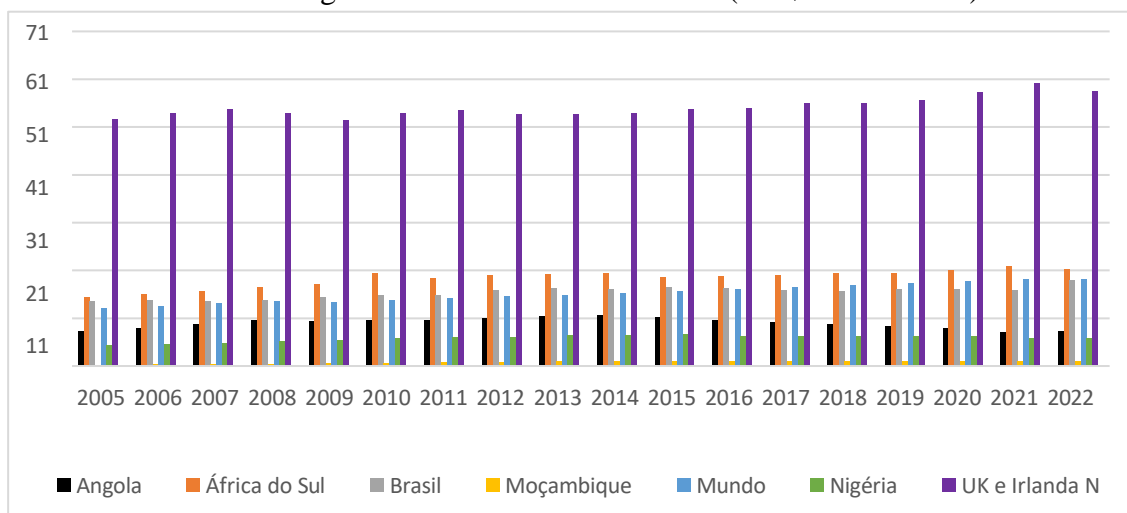
Gráfico 4: Produtividade por Sector (US \$ em milhões)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos da base da OIT (2023).

Embora o sector industrial extractivo se apresente como o mais produtivo, é preciso trazer um estudo comparado da economia angolana com uma realidade próxima e com o resto do mundo, já que o sector do petróleo agrega menos valor adicional na economia. Assim, o gráfico abaixo traz uma análise comparada da produtividade.

Gráfico 5: Produtividade angolana *versus* outras realidades (US \$/h trabalhada)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos da base da OIT (2023).

O gráfico 5 mostra que a produtividade de Angola está abaixo da média mundial (US \$ 16). Ou seja, por cada hora trabalhada, o país agrega US \$ 10 no PIB. Contudo, a situação angolana é ainda melhor do que a produtividade nigeriana e moçambicana, porém, muito abaixo do Reino Unido (acima dos US \$ 50/h), África do Sul (US \$ 18/h) e do Brasil (US \$ 14/h). Assim, o presente OBSERVATÓRIO visa nesta primeira edição caracterizar a performance dos bancos na economia, mediante sua relevância no processo de diversificação e crescimento desta, assim como servir de suporte analítico (estratégico) para entidades envolvidas no estudo e não só.

2. Metodologia

Algumas vezes somos confrontados por situações inusitadas e reiteradas, ao longo do tempo, de utentes dos produtos/serviços bancários que se vêm aflitos todo o final do mês para realizar qualquer operação bancária presencial, seja numa agência ou em uma caixa eletrónica (ATM), face às longas filas e quebras constantes do sistema, além da qualidade precária do atendimento por parte de alguns colaboradores destas instituições. No entanto, é preciso também realçar alguns poucos bancos que têm sabido demonstrar maturidade (qualidade e eficiência) na prestação dos seus serviços, no meio de muita pressão por parte de milhares de clientes “descontextualizados — sem condições legais” para realizar uma determinada operação.

O OBSERVATÓRIO analisou 21 bancos (BFA, BCH, BDA, BIC, BSOL, BAI, BPC, BCI, BYETU, BNI, BCGA, SBA, BCA, BCS, BECON, BIR, BAMILLENUM, BKEVE, BVALOR, SCB, VTB), cujos relatórios e contas foram recolhidos [disponíveis em seus *sites* oficiais], e procedeu aos respectivos tratamentos estatísticos. Em alguns momentos de fórum económico e financeiro, fez-se recurso à certos indicadores dois quais sofreram algumas modificações específicas para atenderem o objecto de estudo em questão, já que parte destes indicadores são utilizados, mormente, para analisar a concentração e competitividade em mercados cujas economias são conduzidas pela demanda externa, nomeadamente o Índice de Concentração (IC) e oportunidade condicional (ϕijt) de uma instituição ofertar novos serviços face à sua Vantagem Competitiva Relevada (VCR), num determinado segmento de actividade produtiva (serviços ou produtos).

$$IC = \sqrt{\sum_{\varepsilon_t} [\varepsilon_{it}]^2} \quad (1)$$

$$\varphi_{ijt} = \min \left\{ P\left(\frac{VCR\varepsilon_{it}}{VCR\varepsilon_t}\right), P\left(\frac{VCR\varepsilon_{jt}}{VCR\varepsilon_{it}}\right) \right\} \quad (2)$$

$$VCR_{ij} = \left(\frac{\varepsilon_{ita}}{\varepsilon_t}\right) \left(\frac{\varepsilon_{itz}}{\varepsilon_{tz}}\right) \quad (3)$$

O índice (VCR) visa avaliar a grau de competitividade de actividades dentro do mesmo sector (ofertado/produzido) da economia doméstica ou entre economias. Informa-se ainda que o estudo visava alcançar o máximo de Bancos em activos no país. Porém, devido a uma limitação no acesso a informações, uns poucos bancos foram excluídos. Outrossim, a análise compreendeu o período de 2020 a 2023, face ao novo quadro de classificação das actividades económicas em Angola (CAE REV.2) (INE, 2023). As informações analisadas foram extraídas dos *sites* oficiais de cada instituição, através dos documentos como Relatórios e Contas e/ou balancetes do período observado. O banco Sol até à presente data não tinha em seu *site* oficial o Relatório e Contas do Exercício económico de 2023. Já para o Banco Económico, trabalhou-se para dois anos (2020 a 2023), pela ausência de informações adicionais [desconhecida]. Contudo, os cálculos obedeceram ao critério do período descontinuado. Outra informação, não relevante, por conveniência e padrão do trabalho, alguns nomes das instituições foram abreviados, por não ser possível encontrar de forma fácil, caso existam, suas abreviaturas ou siglas, pelo que peço a vossa máxima compreensão. Todavia, informa-se que tais padronizações não tiveram influência alguma nos resultados obtidos.

Quadro 1: Descrição das variáveis, unidades de medidas e fontes

Variáveis	Unidade de medida
Crédito a clientes	AOA (Mil milhões)
Crédito Particular	AOA (Mil milhões)
Crédito Empresa	AOA (Mil milhões)
Recursos de clientes	AOA (Mil milhões)
Totais depósitos à ordem	AOA (Mil milhões)
Fundos Próprios	AOA (Mil milhões)
Totais depósitos a prazo	AOA (Mil milhões)
Crédito Particular	AOA (Mil milhões)
Total de Activo	AOA (Mil milhões)
Juros e Proveitos Recebidos	AOA (Mil milhões)
RLE (Resultado Líquido do Exercício)	AOA (Mil milhões)
N.º Clientes	Milhares de pessoas
N.º Colaboradores	Milhares de pessoas

Fonte: Elaboração própria, dado extraídos dos *sites* oficiais das respectivas instituições.

3. Análise de dados e apresentação dos resultados

a) Créditos Concedidos por Ramos de Actividades

Embora as variáveis não apresentem significantes dispersões (desigualdades) em relação à sua média, ainda assim é possível observar os ramos de actividades Educação e Particulares como os que mantiveram o comportamento padrão no período de análise.

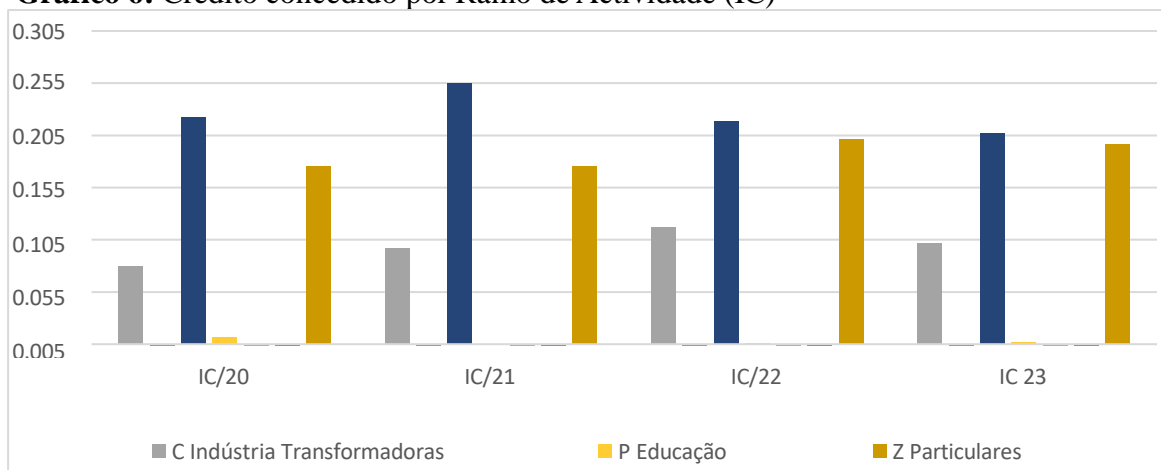
Quadro 2: Estatísticas Descritivas das Variáveis (Crédito por ramos de atividades)

Descrição	Número Obs.	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor Máximo	Valor Mínimo
Comércio	4	0.225706	0.220375	0.020368	0.124707	0.082941
Educação	4	0.006973	0.005748	0.003271	0.011740	0.004655
Indústria Transformador	4	0.098855	0.099286	0.015109	0.116774	0.080072
Particular	4	0.187390	0.186419	0.009268	0.036529	0.016587

Fontes: Elaboração Própria, dados tabulados no Eviews 12

O gráfico 6 faz referência ao ramo de actividade que mais recebeu créditos por parte dos bancos, sejam estes ligados à actividade económica propriamente dita ou não. De realçar que o sector/ramo do comércio se destaca com um índice de concentração de (IC = 0,223), seguindo-se o crédito particular, consumo (IC= 0,187). Quanto ao crédito concedido às indústrias transformadoras, a principal actividade que promove o crescimento e desenvolvimento de uma economia, referenciada pela literatura económica, não foi além de IC = 0,099, e a situação é ainda mais gravosa, no contexto da nossa economia, quando observamos a concentração do crédito do ramo de educação (IC = 0,007), se considerarmos a importância económica e social destes sectores no desenvolvimento do país. Entretanto, também é possível observar de forma geral um abrandamento do crédito concedido no período de 2022 a 2023. Deduz-se que esta situação esteja associada ao aumento do nível de risco do crédito, o que encarece mais ainda o uso de recursos alheios. Todavia, a situação não melhora também a remuneração dos recursos dos clientes sob a forma de depósitos a prazo. Ou seja, se observa um *gap* enorme entre juros, comissões e proveitos recebidos em relação aos juros, comissões e outros encargos equiparados.

Gráfico 6: Crédito concedido por Ramo de Actividade (IC)



Fonte: Elaboração própria. Dados do BNA (2024).

b) Créditos a Clientes (Bancos privados e Públicos)

Neste seguimento de produtos, o quadro 3 indica baixa dispersão dos dados. Ou seja, registou menor variabilidade em termo de dispersão do volume de créditos concedidos, com médias e medianas muito próximas.

Quadro 3: Estatísticas Descritivas por BANCO — Crédito a Cliente (Mil milhões AOA)

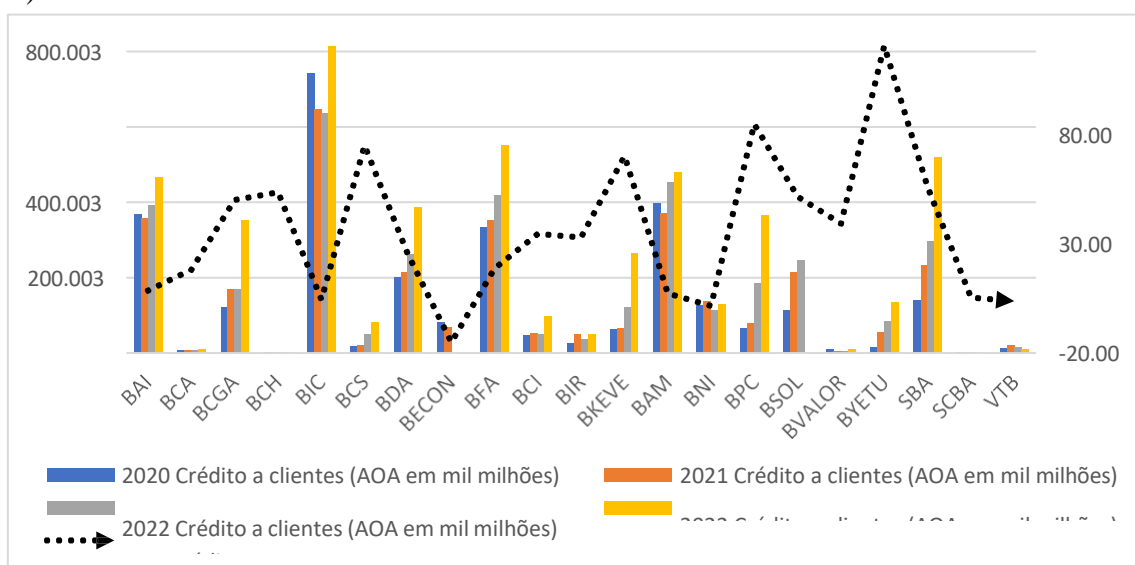
Descrição	Número observação	Média	Mediana	Valor Máximo	Valor Mínimo	Desvio Padrão
BAI	4	395,170000	379,380000	465,000000	356,920000	48,841470

BAM	4	424,592500	424,975000	479,110000	369,310000	50,554880
BCA	4	7,157500	7,000000	8,680000	5,950000	1,395180
BCGA	4	202,302500	168,105000	353,000000	120,000000	102,992600
BCH	4	2,050000	2,050000	3,100000	1,000000	0,858293
BCI	4	61,817500	51,275000	98,000000	46,720000	24,233850
BCS	4	42,192500	35,185000	80,800000	17,600000	29,682990
BDA	4	266,440000	238,800000	386,410000	201,750000	84,215630
BECON	2	74,130000	74,130000	80,190000	68,070000	8,570134
BFA	4	413,450000	385,180000	550,100000	333,340000	97,927430
BIC	4	709,052500	693,745000	813,400000	635,320000	84,490500
BIR	4	40,247500	41,825000	50,760000	26,580000	11,345210
BKEVE	4	127,975000	93,100000	264,200000	61,500000	94,807750
BNI	4	126,490000	127,640000	137,200000	113,480000	9,816201
BPC	4	173,267500	132,145000	364,170000	64,610000	138,257100
BSOL	3	191,750000	214,180000	246,900000	114,170000	69,149420
BVALOR	4	6,742500	6,890000	9,820000	3,370000	2,955338
BYETU	4	72,480000	70,005000	134,130000	15,780000	49,915160
SBA	4	297,483800	265,677500	518,270000	140,310000	160,684900

Fontes: Elaboração Própria, dados tabulados no Eviews 12.

Os dados do gráfico 7 apontam o BIC como o banco que mais crédito concedeu aos clientes, num valor superior a 600 mil milhões de AOA, seguido pelo banco SBA (Santander Bank Angola), com um valor superior a 500 mil milhões de AOA. Já na última posição esteve o banco SCBA (Standard Chartered Bank Angola). Assim, o Banco BIC apresenta maior disponibilidade de plafonds para atender à procura doméstica neste quesito. Entretanto, é preciso destacar que banco mais cresceu, evidenciando assim a melhor performance. Os dados indicaram o banco YETU, superando todos os bancos com maiores volumes de créditos concedidos. Isto demonstra claramente uma estratégia de penetração deste banco. em contrapartida, o que menos evoluir nesta métrica foi o Banco Económico (BECON).

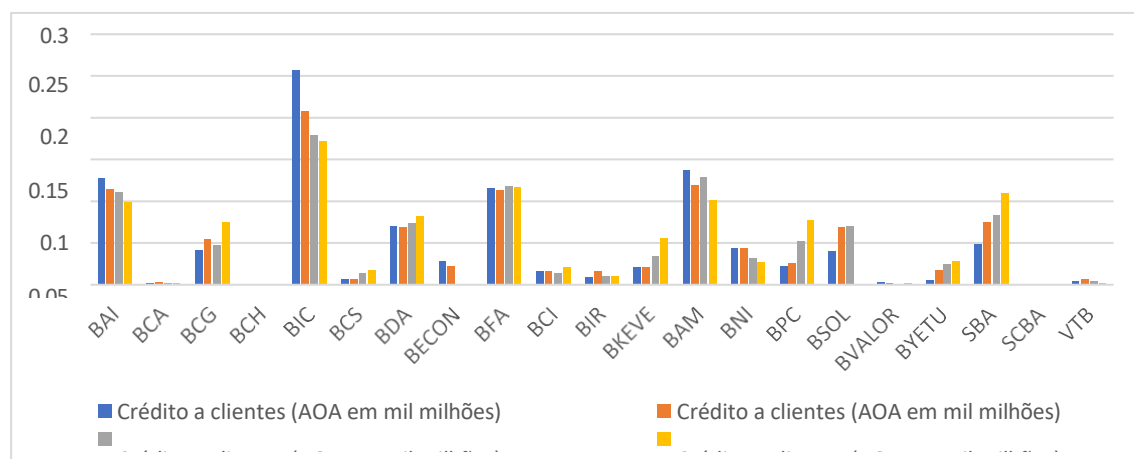
Gráfico 7: Volume de Crédito Concedido a Clientes (mil milhões de AOA) e Evolução média (%)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

Na sequência, o OBSERVATÓRIO analisou também que os bancos concentram (IC) o mercado de créditos concedidos (particulares e empresas). O BIC, obviamente, continuou a liderar o mercado nos últimos quatro anos (2020 a 2023), enquanto o BAI e o BAM perderam espaço no mercado para este segmento de produtos. Já o BFA manteve o seu padrão (valor médio), o que lhe permitiu ocupar a segunda posição, neste indicador analisado (gráfico 8).

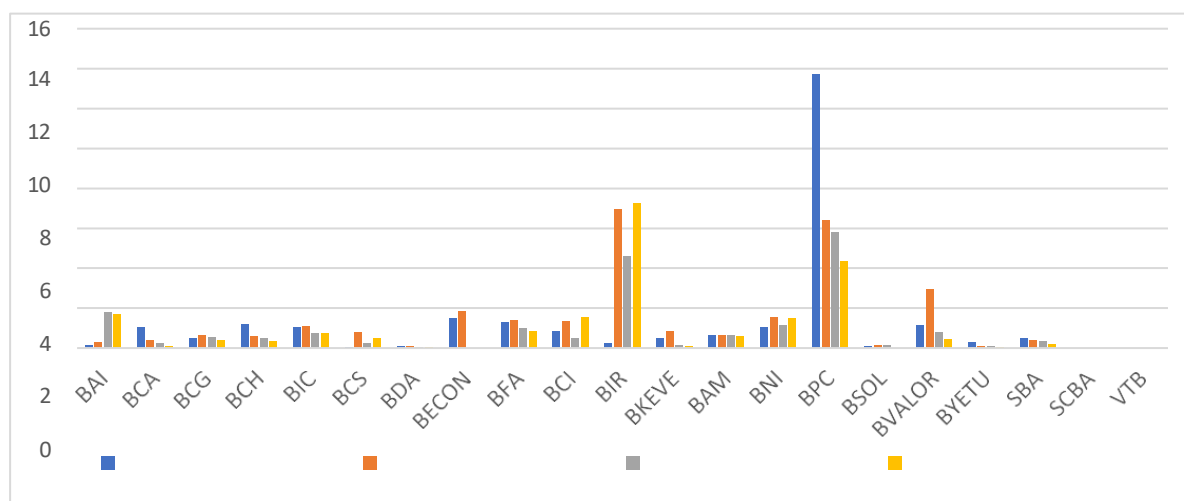
Gráfico 8: Poder de mercado dos bancos em termos de Crédito Concedido à Clientes (IC)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

Apesar destes bancos dominarem o mercado (poder de negociação), não são os mais eficientes neste quesito (Crédito concedido a Clientes Particulares). Ora, quando submetidos ao VCR, gráfico 9, o BPC e o Banco de Investimento Rural (BIR) surgem como os mais competitivos.

Gráfico 9: Vantagem Competitiva Revelada (Crédito Concedido a Particulares)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

Gráfico 10: Vantagem Competitiva Revelada (Crédito Concedido à Empresa)



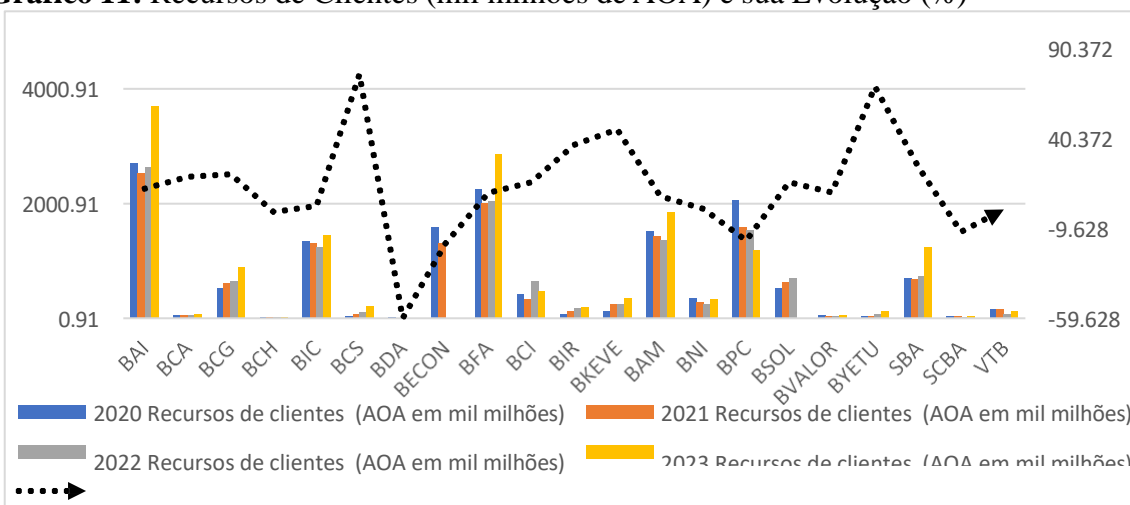
Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

Todavia, ao ser analisada a tipificação do crédito concedido (empresa), o BIR teve a sua vantagem competitiva rebaixada próxima dos demais bancos (caiu o indicador). Por seu lado, o BPC continuou a liderar (2020–21) neste segmento de produto. Se deduz que o resultado esteja motivado pela eliminação de algumas burocracias, o que seguramente aumenta a produtividade na concessão deste crédito.

c) Recursos de Clientes (Bancos privados e Públicos) e Eficiência de Alavancagem de créditos

De acordo com os dados, gráfico 11, o BAI ocupou o primeiro lugar como o banco que mais captou recursos dos seus clientes. Esta situação é decorrente (dedução) de uma maior fidelização, associada ao menor grau de incertezas (insegurança) por parte dos seus clientes, assim como, possivelmente, à inovação nos produtos/serviços diferenciados colocados à disposição dos seus clientes. E, de seguida, com valores não superiores a 3000 (mil milhões AOA), estiveram os bancos BFA, BPC, BAM e o BIC.

Gráfico 11: Recursos de Clientes (mil milhões de AOA) e sua Evolução (%)



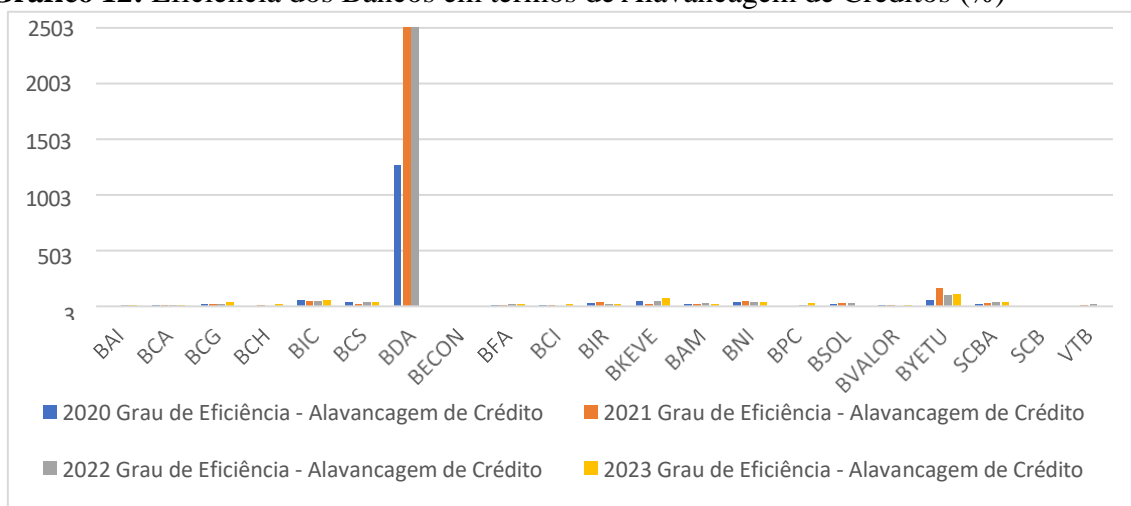
Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

Apesar destes bancos [BAI, BFA e BPC] ultrapassarem uma média de 1.500 mil milhões de AOA por ano de recursos de clientes, não foram os que mais cresceram. Destacam-se aqui os bancos BCS (Banco de Crédito do Sul, 76%), o YETU (69%) e o KEVE (45%). Estes

demonstram uma melhor estratégia de captação de recursos dos clientes. Pode estar associada à confiança melhorada dos clientes e potenciais clientes em relação a estes bancos.

O OBSERVATÓRIO averiguou também qual a instituição que melhor aproveita os recursos dos seus clientes para conceder créditos (Grau de eficiência em termos de Alavancagem de créditos). Liderou o BDA (2020–2022), tanto que concede muito mais crédito em relação aos recursos recebidos. E não podia ser diferente, dado o seu foco na economia. Todavia, é possível observar uma ligeira eficiência também do banco YETU, o que lhe conferiu a segunda posição neste indicador (gráfico 12).

Gráfico 12: Eficiência dos Bancos em termos de Alavancagem de Créditos (%)



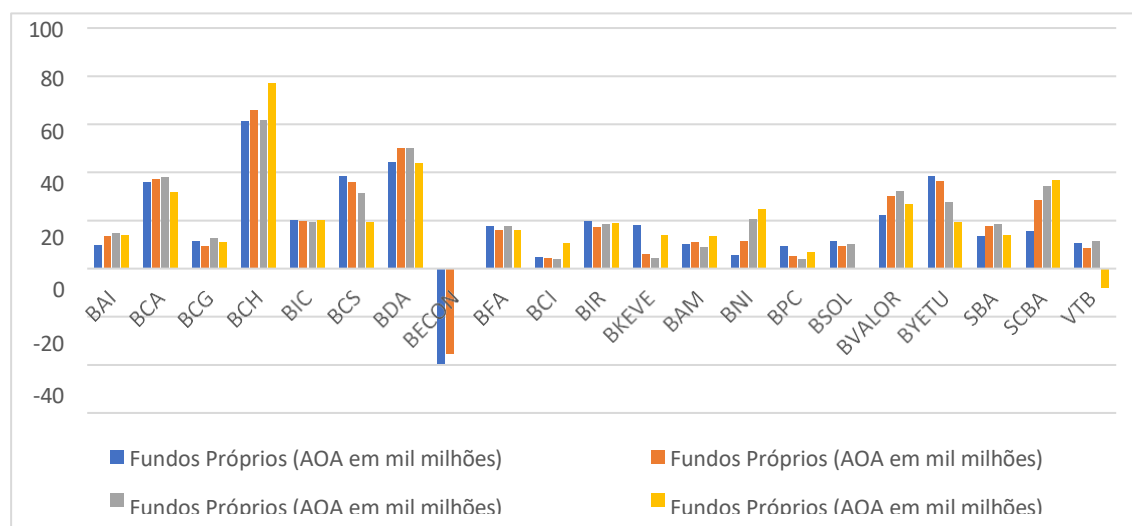
Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

A partir deste gráfico (12), pode-se especular que os bancos BAI, BFA e BPC têm tido dificuldade em utilizar os recursos dos seus clientes para conceder créditos. Ou seja, se apresentam em grandes partes em depósitos à ordem, uma vez que são os maiores captadores do sistema bancário angolano.

d) Fundos Próprios e Grau de Autonomia Financeira dos Bancos

Este índice, calculado pela razão fundos próprios e Activos brutos, indica a capacidade do banco em gerir a sua actividade sem que para efeito tenha de recorrer à capitais de terceiros. Os dados sugerem o Banco Comércio do Huambo (BCH) e o BDA como os que mais se destacam, superiores a 50%.

Gráfico 13: Grau de Autonomia Financeira dos bancos (%)

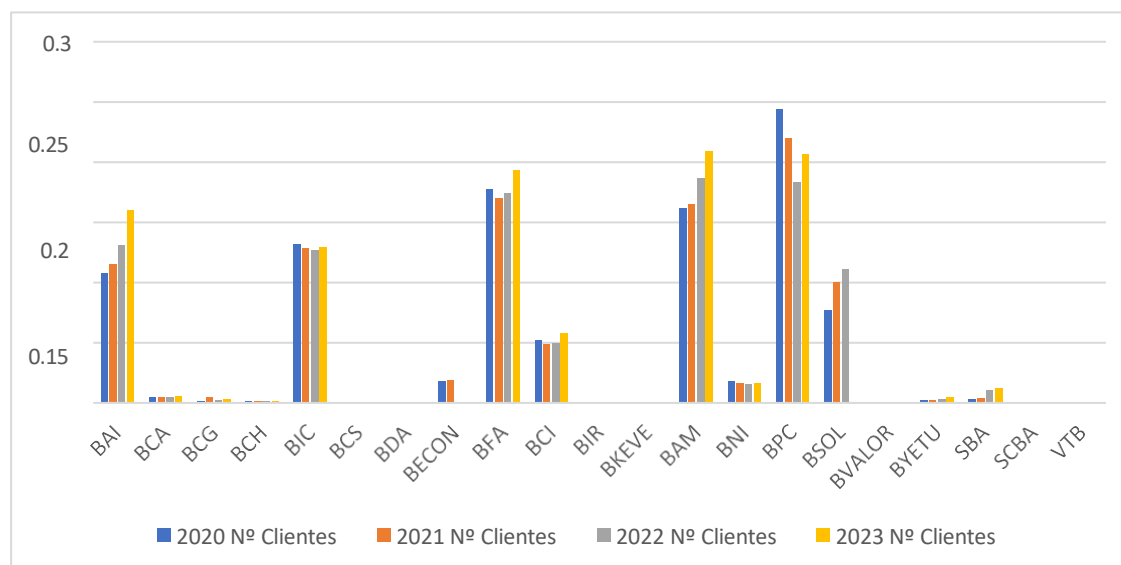


Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

e) Grau de Concentração de Clientes, valor adicionado ao lucro (milhares de AOA) e relação número de cliente e total de pessoas empregados na economia

O índice de Concentração de Clientes indicou os bancos BPC, BAM, BFA e BAI como os maiores concentradores de clientes do mercado ($IC > 0,1$). Foram observadas algumas questões históricas, cumulativas, anteriores ao período de análise, que julgo terem exercido certa influência em alguns bancos. No entanto, o BPC foi o único banco dos que mais concentram clientes que viu a sua quota cair no período de análise, embora se tenha observado uma ligeira recuperação entre 2022 e 2023, porém muito abaixo da quota inicial.

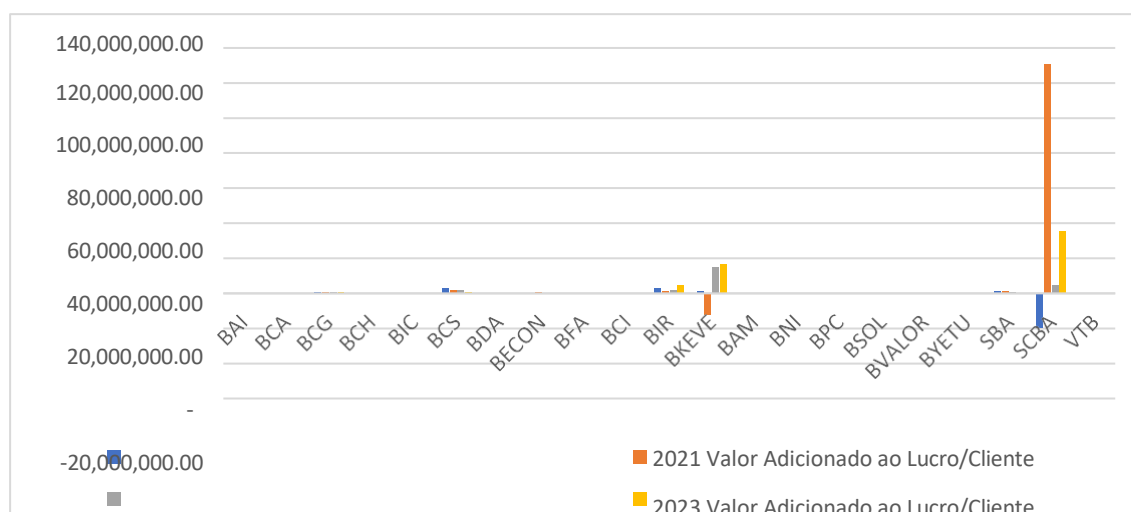
Gráfico 14: Número de Clientes activos concentrados (IC)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos

O OBSERVATÓRIO relacionou também a influência dos clientes no fomento dos lucros obtidos. Ou seja, quanto contribuiu em média cada cliente na geração de lucro. Os dados indicam o Banco SCBA, que liderou com cerca de 37 milhões de AOA/cliente. Por seu lado, o BPC foi o mais prejudicado, com cerca de 51 mil AOA/cliente.

Gráfico 15: Valor médio adicionado ao Lucro (AOA/Cliente)



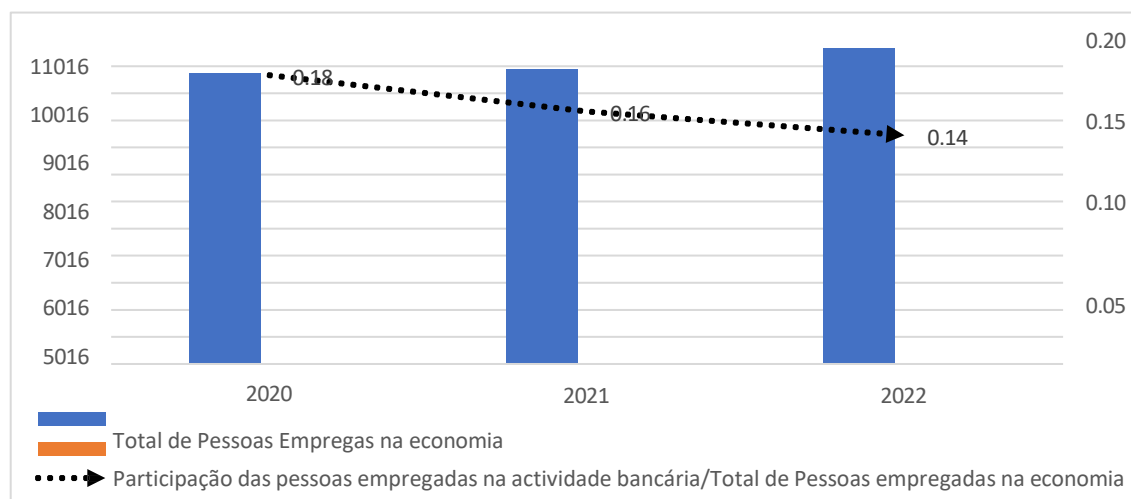
Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

f) Desempenho dos bancos no mercado de trabalho nacional (Pessoas empregadas pela banca angolana)

Conforme dados discutidos na primeira parte (introdução), referente ao emprego por sector, referimos que adiante analisaríamos a empregabilidade no sector de serviços, propriamente a banca angolana. Segundo dados do INE (2023), até ao último trimestre de 2022, o número de pessoas empregadas aproximava-se dos 12 milhões, distribuídos nos diversos sectores da economia, com destaque para o da agropecuária. Para o efeito, estabeleceu-se o peso da actividade bancária na economia.

Além da actividade bancária representar cerca de 0,16% (valor médio) do total de pessoas empregadas na economia, é perceptível observar recuo no número de emprego desta actividade no período de análise. Conferidos os relatórios e contas das instituições, para as devidas conciliações, constatou-se de facto que os despedimentos aumentaram, seja por iniciativa do colaborador ou da entidade empregadora. Estes dados devem servir de alerta para a entidade reguladora do sistema bancário angolano, assim como do SNEBA, e, sobretudo, para as respectivas instituições bancárias em estudos.

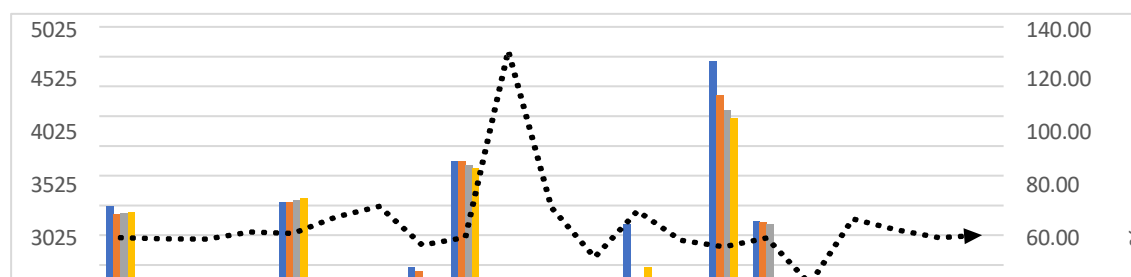
Gráfico 15: Total de Pessoas Empregadas na Economia, Total de pessoas empregadas pelos bancos (em milhares) e participação no Total de pessoas Empregadas na economia



Fonte: Elaboração própria. Dados do INE e dos bancos.

O gráfico 16, indica o BPC como o banco que mais emprego criou, numa média de 3865 colaboradores/ano no período em análise. No entanto, verifica-se também uma redução da sua força de trabalho (2020–2023). Na sequência, seguem-se os bancos BFA e o BIC, segundo e terceiro colocados, que também fomentam a criação de empregos, com uma média superior a 2000 colaboradores/ano. Todavia, ao analisar a evolução do número de postos de trabalho/banco, destaca-se o banco BCI como o que mais cresceu, com uma taxa média de crescimento superior a 100% no período de análise. No sentido inverso, observa-se o Banco Económico (BECON), com uma queda na ordem de 53%. Ou seja, o BECON, no período de 2020 a 2021, registou um despedimento superior a 50%. Trata-se de uma situação preocupante! No geral, observou-se que mais da metade dos bancos reduziram a força de trabalho, seja por iniciativa própria ou do empregador.

Gráfico 16: Número de Colaboradores por banco (em milhares) e sua evolução (%)

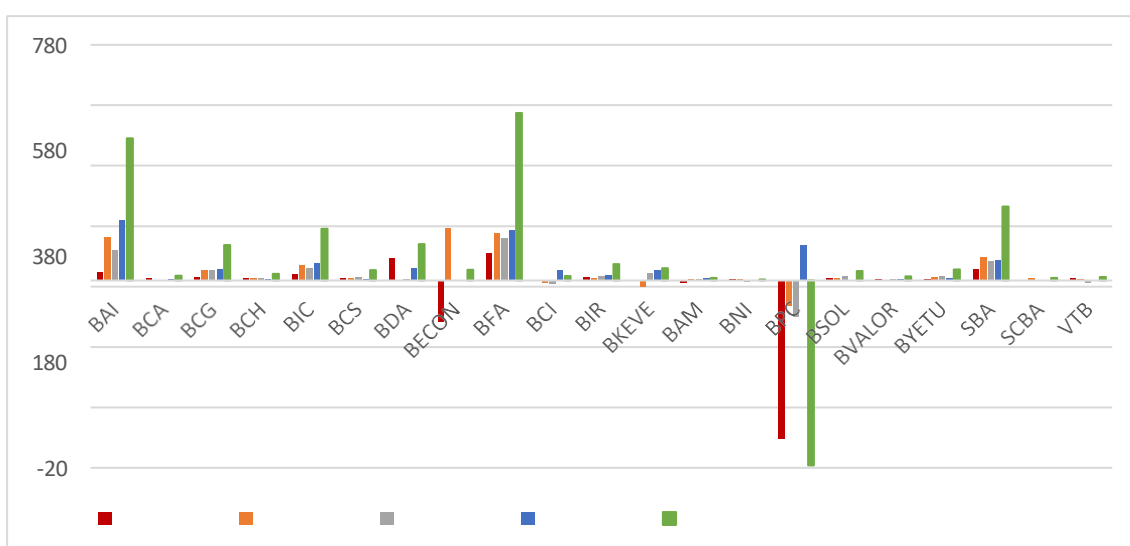


Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

g) Rendimentos obtidos pelos bancos (Lucro líquido do exercício acumulado)

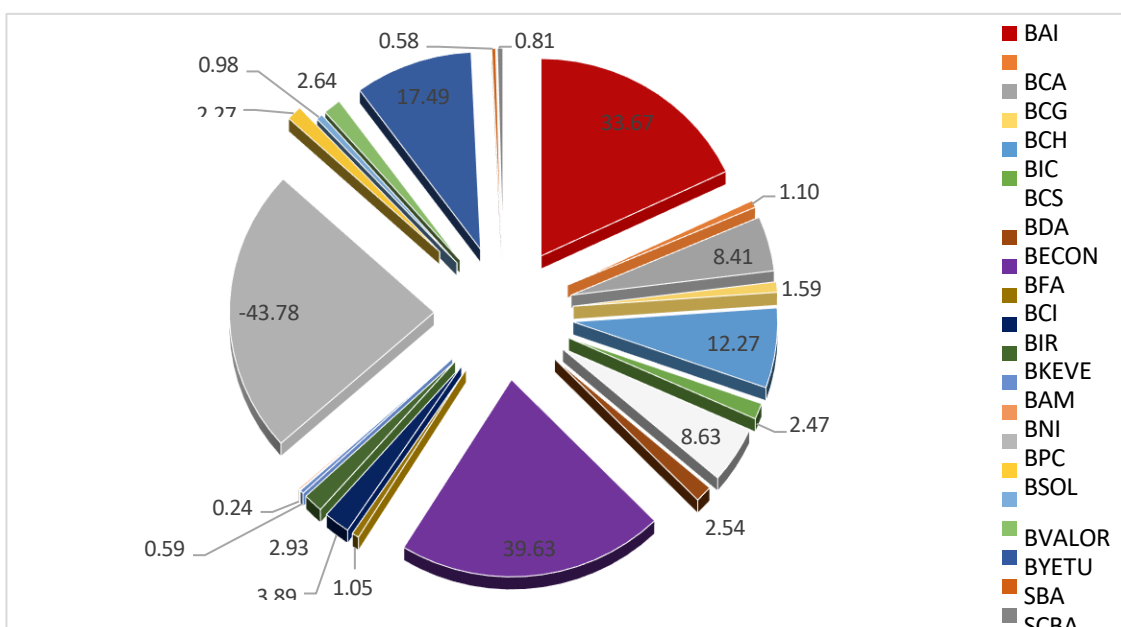
O período em análise indica que os bancos, em conjunto, acumularam mais de 1,3 triliões de AOA. Parte deste valor coube ao banco BFA, com cerca de 39,63%. Já o banco BPC representou uma perda de 43,78% referente ao total citado.

Gráfico 17a : Lucros acumulados — mil milhões de AOA (2020–2023)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

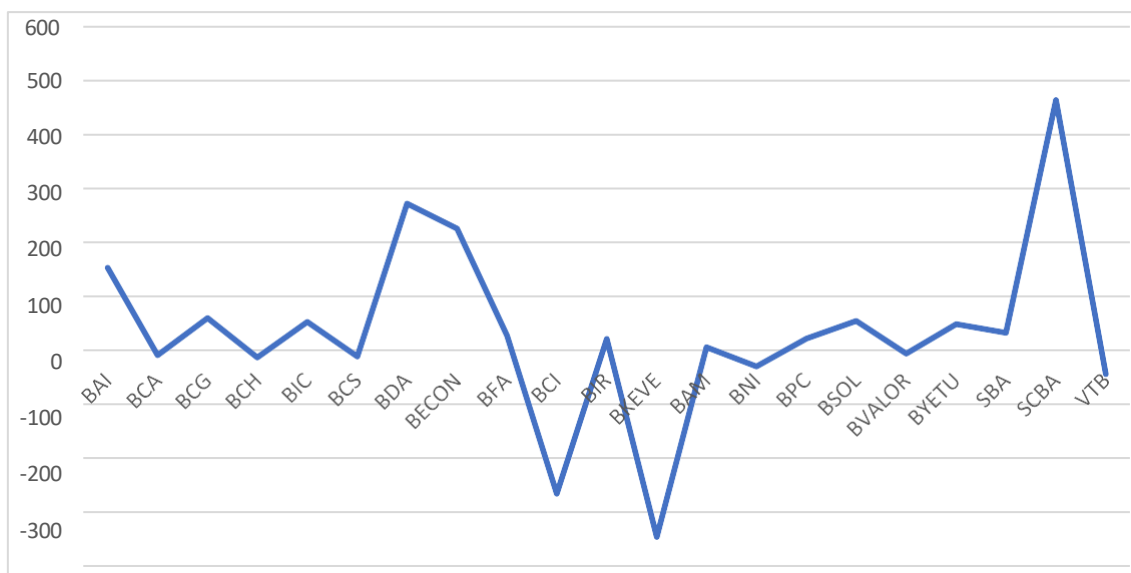
Gráfico 17b: Repartição do total do Lucro acumulados pelos bancos (%)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

Apesar de os dois primeiros gráficos representarem a grandeza real dos lucros encaixados pelos bancos (BFA e BAI), foram os bancos SCBA e BDA que mais cresceram, muito acima dos 200%. Por outro lado, os mais prejudicados foram os bancos KEVE e BCI, ambos abaixo dos 200%.

Gráfico 18: Crescimento médio do Lucro no período em análise (%)



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos dos R&C dos referidos bancos.

Embora seja demasiado cedo para o afirmar, podemos especular que o sistema bancário angolano é uma das actividades económicas do país que mais lucra. Todavia, o sector também se apresenta como complexo e de elevados riscos.

4. Breves Considerações Finais

A economia angolana enfrenta um *trade off*, crescimento concentrado pela exploração dos recursos naturais e pela política económica. Ou seja, um crescimento conduzido pela produção de recursos naturais torna insustentável qualquer administração de uma política económica pelo facto de a mesma não ter controlo sobre os determinantes deste tipo de crescimento económico. Deste modo, a diversificação se assume como alternativa para dirimir o conflito observado. Porém, o processo de diversificação da economia angolana se apresenta como complexo e lento, dado que o processo para inversão da estrutura produtiva tem sido cada vez mais lento e na direcção inversa. Isto porque que a poupança na forma de investimento tem sido cada vez mais canalizada, sob a forma de créditos, para sectores que agregam menos “valor novo” a economia. Por outro lado, a economia angolana apresenta baixa produtividade quando comparada com a média mundial, pelo facto da força de trabalho estar maioritariamente concentrada no sector da agropecuária. O observatório identificou que o comércio apresenta $IC=0,223$. Logo, o fluxo gerado por esta actividade certamente tem beneficiado cada vez mais os “principais” parceiros económicos de Angola, face à característica económica do país – vive muito da importação. Em contrapartida, os ramos de actividade [Indústria transformadora e Educação], que podem dirimir e acelerar o processo de diversificação económica concentram pouco menos de 1% do crédito concedido. Deste modo, é quase impossível o país inverter a actual situação sem recorrer, constantemente, ao agravamento da dívida pública. O sector do comércio é altamente benéfico para países que apresentam VCR, fruto da expansão industrial. Deste modo, a economia angolana tende a destruir cada vez mais postos de trabalho, porque este sector, na condição em que se encontra a economia, serve maioritariamente para alimentar os parceiros comerciais, criando lá mais postos de trabalho, maior encaixe de receitas fiscais e estabilidade das suas moedas.

Bibliografia

BNA (2021). Lei do Regime Geral das Instituições Financeiras. N.º 14/21 de 19 de maio. PDF.

(2023). Contas Nacionais. Disponível em:

<https://www.bna.ao/#/pt/estatisticas/consultar-dados/estatisticas-preco-contas-nacionais>

(2024). Boletim Estatístico do 1.º Trimestre de 2024. Disponível em: <https://www.bna.ao/#/pt/publicacoes-e-media/relatorios/boletins>

Corden, WM, e Neary, PJ (1982). “Setor em expansão e desindustrialização em uma pequena economia aberta”. *Economic Journal*, 92, 825–848. Disponível em: [https://www.scirp.org/\(S\(czeh2tfqyw2orz553k1w0r45\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1038255](https://www.scirp.org/(S(czeh2tfqyw2orz553k1w0r45))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1038255)

CALDARELLI, G., Tacchella, A., Cristelli, M., Gabrielli, A., e Pietronero, L. (2012). Economic complexity: Conceptual grounding of a new metrics for global competitiveness. *Journal of Economic Dynamics and Control*, 37(8), 1683-1691. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0047278>

FURTADO, Celso (2000). INTRODUÇÃO AO DESENVOLVIMENTO. Enfoque Histórico-estrutural. 3ª Edição. Paz e Terra. ISBN 85-219-0373-. Rio de Janeiro.

HARTMANN, D., Guevara, M. R., Jara-Figueroa, C., Aristarán, M., & Hidalgo, C. A. (2017). Linking economic complexity, institutions, and income inequality. *World Development*, 93, 75-93. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2016.12.020>.

HAUSMANN, R. “Economic Growth: Shared Beliefs, Shared Disappointments?” CID Working Paper No. 125 June 2006. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/sites/default/files/centers/cid/files/publications/faculty-working-papers/125.pdf>.

HAUSMANN, R., e HIDALGO, C. A (2009). The Building Blocks of Economic Complexity. *Science* 106(26):10570-5. DOI: 10.1073/pnas.0900943106. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26314327_The_Building_Blocks_of_Economic_Complexity.

ILO — International Labour Organization. Dataexplorer. Disponível em: <https://ilostat.ilo.org/data/>. Consultado a 15.06.2023.

KALDOR, Nicholas. Causes of the Slow Rate of Economic Growth of the United Kingdom. An Inaugural Lecture. London, Cambridge University Press, 1966, 40 p., 5/- nets in U.K. (1968). *Recherches Économiques de Louvain*, 34(2), 222–222. doi:10.1017/S0770451800040616.

LAMFALUSSY, A. (1963). “The meaning and implications of export-led growth”. In: O Reino Unido e os Seis. Palgrave Macmillan, Londres. https://doi.org/10.1007/978-1-349-81717-7_9.

MEHLUM, H., Moene, K., e TORVIK, R. (2006), “Institutions and the Resource Curse”, *The Economic Journal*, 116 (January), 1-20. Royal Economic Society.

MULWA, R., e MARIARA, J. (2016), “Natural Resource Curse in Africa: Dutch Disease and institutional explanations”, AGRODEP Working Paper 0029, jun.

RABAH, A., T Gylfason., AN Sy (2012). “Beyond the curse: policies to harness the power of natural resources”. Washington, DC: International Monetary Fund, 2011. November, 4-5, 2010 p. 55-78. ISBN 978-1-61635-145-8.

SACHS, J. D., e WARNER, A. M. (1995). “Natural Resource Abundance and Economic Growth”, National Bureau of Economic Research, NBER Working Paper 5398. December.

VICA, Paulo (2024). O Up and Down da Economia angolana: uma análise dos determinantes das Exportações do Petróleo Bruto (1996–2022). Em fase de Publicação Pelo Cinvestec.

VICA, Paulo, e Silva, Guilherme Jonas (2024). The Great Illusion of Growth Driven by Crude Oil Exports The *Paradox of Prosperity* in the Angolan Economy. Submetido ao 52º Encontro da ANPEC-Regional Natal.

Documentos Consultados

Relatórios e Contas, assim como Balancetes de exercício económico de 2020, 2021, 2022 e 2023 dos bancos em estudo.

Sites oficiais das respectivas instituições.